

Toque terapêutico, uma novidade chega ao Brasil



Ana Cristina de Sá

Mestre em Enfermagem Fundamental pela Universidade de São Paulo, Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professora assistente nível IV (prof. doutora) do Centro Universitário São Camilo - Campi Pompeia e Ipiranga, onde desenvolve atividades acadêmicas na Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. Atua nos campos prático e acadêmico/ensino com ênfase em Terapias Complementares em enfermagem (especialmente em Toque Terapêutico pelo Método Krieger-Kunz, com formação nos EUA e Canadá).

Um tratamento conhecido por 80 países oferece alívio para determinadas dores, mas o método ainda é pouco restrito à pesquisa clínica

Por: Naiara Messias

Revista Nursing - Quando você conheceu o tratamento do toque terapêutico?
Ana Cristina de Sá - Na década de 70 quando ainda aluna de graduação, ao ver um paciente que estava sofrendo muito de dor após uma amputação e os analgésicos não eram suficientes para ajudá-lo. Segurei suas mãos e tive uma grande vontade de que melhorasse e senti como que uma energia que passou de minhas mãos para aquele indivíduo. Imediatamente ele referiu que a dor passou e adormeceu. Eu me senti cansada, esgotada. No dia seguinte ele estava muito bem e disse para que eu fizesse aquilo a outras pessoas. Comecei a pesquisar o assunto e na semana seguinte li uma reportagem numa revista da época chamada "Fatos & Fotos" que trazia um artigo sobre o Toque Terapêutico, método elaborado por Dolores Krieger, uma enfermeira que havia defendido tese de doutoramento sobre o assunto na Universidade de Nova Iorque. Escrevi a ela sem muita esperança de retorno, mas pelo contrário, recebi alguns dias depois material bibliográfico da Dra. Krieger e comecei a estudar o tema. Somente consegui desenvolver uma

pesquisa clínica controlada a partir de 1998, pois as barreiras para terapias naturais ou complementares era muito grande na academia. Defendi minha tese de doutorado ("Efeitos do toque terapêutico em mulheres mastectomizadas sob tratamento quimioterápico") na Escola de Enfermagem da USP, orientada pela Profa. Dra. Maria Júlia Paes da Silva em 2001.

Revista Nursing - Se 80 países já utilizam essa técnica, porque ainda é novo no Brasil?

Ana Cristina - O Método Krieger-Kunz de Toque Terapêutico começou a ser aplicado no Brasil no RS, pela Dra. Vera Waldow no RS nos anos 80. Nos anos 90, duas pós graduandas de doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, a saber: Profa. Dra. Ilda Estefani Ribeiro Marta e eu, nos interessamos pelo tema e fomos aos EUA e Canadá fazer cursos de formação nessa técnica. Quando voltamos ao Brasil, desenvolvemos nossas teses de Doutorado sobre o tema a partir de pesquisas clínicas. A Dra. Ilda pesquisou a ação do TT (Toque Terapêutico) com pacientes

com dor crônica não oncológica e eu os efeitos do TT em mulheres com câncer de mama sob tratamento quimioterápico. Ambas obtivemos respostas clínicas de melhoria dos quadros clínicos dessas pacientes quando submetidas ao TT quando comparadas a pacientes que não receberam esse tratamento complementar. Portanto, é um método pouco conhecido porque é utilizado na academia, diferentemente do Rei-ki ou do Johrey, que são populares. Por isso, não é muito conhecido. Portanto, eu diria que é um método que ficou muito restrito à pesquisa clínica e, portanto, pouco conhecido pela população em geral.

Outro fato é que na Europa, Oriente e Canadá, o TT é utilizado com tranquilidade, principalmente em medicina paliativa como prescrição corriqueira, mas, nos EUA e Brasil, há uma grande pressão das empresas de farmacoterapia e de médicos que impedem a utilização de tais meios porque não trazem lucros à indústria farmacêutica e são consideradas "perigosas" a grupos de medicina privada, por ser um método barato e que diminui a quantidade de fármacos utilizada por potencializar o

efeito dos mesmos no organismo vivo (seja humano, vegetal ou animal).

A acupuntura somente foi aceita porque foi "transformada em especialidade exclusivamente médica" no Brasil, o que é constrangedor, visto ser um saber milenar praticado por pessoas capacitadas no mundo todo, que são treinadas por especialistas não necessariamente médicos. Uma enfermeira, por exemplo, está muito mais capacitada a colocar uma agulha em meu corpo porque entende profundamente os princípios de assepsia, do que médicos em geral. No caso do TT, sempre me pergunto: o que o CRM pensa disso? E respondo: não tenho a mínima ideia. Quem regulamenta e fiscaliza minha profissão é o sistema COFEN-COREN e meus Conselhos aceitam as terapias complementares a partir da Resolução COFEN-197/97.

Revista Nursing- Com uma grande demanda de pacientes com doenças, o toque terapêutico surgiu a partir dessa necessidade?

Ana Cristina - O Toque Terapêutico, como método descrito e comprovado por meio de pesquisas clínicas, foi proposto pela Dra. em Enfermagem Dolores Krieger da Universidade de Nova Iorque na década de 70. Tem sua origem na antiga prática de imposição de mãos utilizada de forma transcultural desde o antigo Egito (papiro de Ébers) com o intuito de curar pessoas enfermas. Hoje, no entanto, sabe-se que o que os terapeutas que utilizam a imposição de mãos apenas harmonizam o campo energético humano e, dessa forma, ele reage melhor às agressões de diversas naturezas. Surgiu, portanto, a partir de uma pesquisa nas décadas de 60 e 70. Não foi por alguma necessidade específica mas por observação empírica de que a imposição de mãos parecia causar resultados positivos em pessoas doentes e hoje em dia a ciência mostra que esse fato realmente ocorre.

Revista Nursing- Você chegou atuar com o tratamento no exterior, ou só com os estudos?

Ana Cristina - No exterior fiz estágio com a enfermeira e docente Rochelle Mackey (que trouxe ao Brasil para ministrar o 1º curso brasileiro de TT na Escola de Enfermagem da USP, com o suporte Dra. Maria Júlia) na Universidade de Rutgers e no Harvard Medical Center. Passei 3 meses acompanhando a prática do TT, além de fazer o curso em Pumpkin Hollow Farm, com a Dra. Dolores Krieger, onde são ministrados cursos reconhecidos internacionalmente de formação em TT nos EUA.

"O Toque Terapêutico, como método descrito e comprovado por meio de pesquisas clínicas, foi proposto pela Dra. em Enfermagem Dolores Krieger da Universidade de Nova Iorque na década de 70"

Revista Nursing- Por que "toque" terapêutico se a enfermeira não toca no paciente?

Ana Cristina - Tocar o campo de energia do ser humano equivale a tocar a pele. É um toque direto, palpável, porém, não visível. E se é palpável, a sensação de captação do campo energético pelas mãos é gerada pelo sistema nervoso periférico e, portanto, real e consciente. Portanto, há toque e toque DIRETO. A propósito, ao final da técnica, o terapeuta realiza um "fluxo energético" e toca levemente a pele do paciente na região das supra-renais ou do plexo solar. Portanto,

acaba havendo um toque direto sim. O terapeuta acessa o campo de energia do paciente e faz um diagnóstico dos locais em que está alterado. Esses locais específicos são tratados por métodos específicos, dependendo do tipo de alteração encontrada (para compreender como se faz é necessário fazer cursos de formação), realiza-se um fluxo de energia e ao final reavalia-se se o campo energético está mais harmônico. Geralmente aplica-se o TT uma vez por semana, mas se o caso for grave, faz-se a aplicação diariamente. O tratamento dura até que o campo energético permaneça harmônico por pelo menos 3 sessões seguidas.

Tenho receio que as pessoas leiam detalhes e queiram aplicar o TT sem o curso e os efeitos colaterais para o terapeuta que não foi treinado podem ser ruins por "perder energia" para os pacientes.

Revista Nursing- Quais os dados que confirmam a eficácia do toque terapêutico? E somente o profissional de enfermagem que pode exercer?

Ana Cristina - Há inúmeras pesquisas científicas publicadas em artigos de revistas científicas que relatam os efeitos do TT. De um modo geral, todas as terapias energéticas obtêm o MESMO EFEITO, ou seja: relaxamento muscular, melhoria da condução sináptica e melhor resposta enzimática celular. O que é maravilhoso na descoberta da Dra. Krieger é o fato dela ter comprovado que este é um potencial humano natural. Não há necessidade de "habilidades especiais" ou "ser iniciado por algum mestre espiritual" ou mesmo "ter um poder/dom concedido por alguma entidade". Trata-se apenas de uma técnica para a qual necessitamos ser bem preparados para aplicar ou a energia do terapeuta que vai para o paciente e ele pode ter consequências até mesmo graves desse fato que vão desde uma sonolência até descalcificação óssea.

Por esse fato, fazer os cursos de formação torna-se imperioso. Estamos ainda aprendendo a lidar com essa energia.

Revista Nursing- No Brasil ainda é novo o tratamento, e com sua experiência como pode se tornar mais conhecido? De que maneira?

Ana Cristina - O caminho é o marketing. Quando defendi minha tese de doutoramento, fui às rádios, jornais, revistas populares, publiquei partes da tese em revistas científicas e assim por diante. Não creio que o enfermeiro deva ser o herói anônimo no que faz e, assim, procuro sempre divulgar meu trabalho. A reportagem na Globo, as palestras e cursos que ministro em todo o Brasil e os livros e artigos que escrevo são parte do esforço que faço para divulgar esse excelente método coadjuvante do trabalho de enfermeiros e pessoas interessadas em trabalhar a favor da melhoria da qualidade de vida dos seres vivos.

Revista Nursing- Será que as instituições de ensino estão de olhos abertos para essa novidade? Qual sua visão acadêmica sobre esse assunto?

Ana Cristina - Estão começando a abrir os olhos. Por semestre ministro aulas em muitas universidades nos cursos de Enfermagem e Medicina que possuem disciplinas de Terapias Complementares ou Terapias Naturais em todo o país. Esse é um avanço em minha opinião e a tendência é aumentar a procura, pois as pesquisas clínicas estão mostrando a eficácia desses métodos como coadjuvantes da terapia clínica clássica. Penso que em alguns anos estaremos como nos EUA e Canadá, onde o curso de TT é parte integrante da disciplina de Avaliação Clínica na maioria das faculdades de enfermagem.

Revista Nursing- A energia é foco principal do tratamento? E o ambiente também é relevante?

Ana Cristina - Podemos responder a



essa pergunta de duas formas: 1) do ponto de vista acadêmico: o ambiente é um campo energético e o corpo humano outro campo. Esses campos estão em constante interação e um e campo influencia o outro. Esse é um princípio básico do TT. É devido a este princípio físico (ressonância) que podemos moldar o campo energético do paciente, agindo como campo ambiental que influencia o humano; 2) do ponto de vista prático: o ambiente para o terapeuta bem treinado pode ser até mesmo uma situação emergencial com muitos estímulos, mas se ele estiver focado no procedimento, obterá o resultado esperado sem perder sua própria energia, porém, para o terapeuta mal treinado, o ambiente poderá desviar sua atenção no procedimento e este poderá perder sua própria energia para o paciente e então sofrerá consequências dessa interferência ambiental.

Em meu consultório, gosto de manter um ambiente calmo, tranquilo e que propicie a concentração no procedimento, mas nada me impede de reali-

zar o TT numa UTI, numa enfermaria ou num pronto socorro se necessário.

Revista Nursing- Onde encontrar enfermeiros que utilizam essa técnica? E nos hospitais, já aderiram?

Ana Cristina - Já ministrei cursos em muitos locais e há um contingente de pelo menos mais de mil enfermeiros que o fizeram. Infelizmente sofreram repressão em seus locais de trabalho muitas vezes ao tentarem aplicar o TT, apesar de lhes ensinar o “caminho das pedras”, que é justamente mostrar à comunidade o cunho científico desta prática antes de começar a aplicar em seus locais de trabalho. Fundei grupos de estudos no Hospital Universitário da USP e no Hospital São Paulo da UNIFESP. A Escola de Enfermagem da USP, tanto em São Paulo, como em Ribeirão Preto, continua desenvolvendo pesquisas nesse campo e tem publicado excelentes pesquisas sobre os efeitos do TT. Eu atualmente atendo com um grupo de terapeutas no Instituto de Terapia Integrada e Oriental (ITIO www.itio.com.br), mas sei que há grupos de estudos e atendimento em todo o Brasil.

Revista Nursing- Quais tipos de doenças é indicado o toque?

Ana Cristina - Não há uma “doença” específica. O TT harmoniza o Campo Energético Humano (CEH) e, a partir daí, oferece um suporte energético que ajuda as células a reagirem a agressões de diversas naturezas, quer sejam de ordem física, psíquica, emocional ou do sistema imunológico. Devido a esse fato, o TT é uma terapia complementar geral, sem que em momento algum o paciente deva interromper o tratamento que vem realizando com o médico ou outro terapeuta. Muitas vezes o que ocorre é que a melhora é mais rápida e mais eficaz e o tempo de tratamento e a quantidade de fármacos pode ser diminuída, de forma relevante, pelo médico ou terapeuta responsável.

e-mail: anacrispsicoenf@uol.com.br